ANO 4.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 1924 N.º 974

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

A RESIGNAÇÃO á Presidencia da Republica apresentada pelo sr. Millerand é um grande acontecimento de politica internacional. O sr. Millerand, quando subiu as escadas do Elyseu, a ocupar o logar deixado pelo sr. Deschanel, em circunstancias tão lamentaveis, declarou que ia desempenhar o alto posto de Chefe do Estado com consciencia do seu logar mas com desejo expresso de não ser apenas uma figura representativa. De facto, durante estes dois anos de magistratura, o sr. Millerand «agiu». Trabalhou. Identificado com o sr. Poincaré, antigo Presidente da Republica e seu chefe do governo, o sr. Millerand ajudou a realizar uma obra de Estado, traçada com imperturbavel decisão e orientação.

Os factos demonstraram que o sr. Millerand, a despeito da sua visão e do seu patriotismo nem sempre acertou com a opinião dos politicos que hoje têm a hegemonia parlamentar do seu pais.

O que acaba de se passar em França é qualquer cousa de ponderavel. Tanto pode ser um exemplo, como uma simples lição. De qualquer das formas, um acontecimento que os politicos de todo o munto têm de tomar a serio.

* * *

O NOSSO artigo de ontem, sobre Camões —e que trazia algumas incorrecções lamentaveis—defendia a ideia de se propagar nas escolas a figura e a obra do poeta, mas sob um aspecto menos erudito, menos complicado do que tem sido até aqui, mais simplista, mais verdadeiro. Em regra apresenta-se á geração infantil Camões como o poeta dos «Luziadas». As crianças lêem os «Luziadas»— e não entendem o poema. A simplificação do processo de «ensinar Camões» impõe-se. A este respeito, e um pouco como indicação, é esplendido o artigo do sr. Agostinho de Campos, hoje publicado no *Diario de Noticias*.

* * *

DEVEM chegar amanhã ou depois a Macau os intrepidos aviadores Sarmento Beires e Brito Paes. A penultima «étape» deve ficar vencida hoje mesmo.

Pela anciedade com que têm sido acompanhados, pelo bom povo português, os vôos gloriosos dos dois ilustres aviadores, decerto podemos contar com uma manifestação de sincera e espontanea alegria no momento em que fôr recebido o «radio» anunciativo da vitoria final.

* * *

AS revistas parisienses «Revue du Vrai et du Beau» e «Revue Moderne» pediram autorisação a Luiz Cristino para reproduzirem o seu projecto de reconstituição do «Domus Livia» e notas biograficas ácêrca dos seus estudos no estrangeiro, como pensionista do Estado.

* * *

FAZ depois de amanhã dois anos que morreu, em circunstancias tragicas, o pobresito do Marcelo, ultimo filho da ilustre actriz Mercedes Blasco. Data tristissima para a sua alma atormentada de saudade—acompanhamos, sinceramente, a pobre mãe na sua dôr.

* * *

ENCONTRA-SE melhor, tendo entrado em franca convalescença, a nossa brilhante colaboradora e ilustre poetisa sr.ª D. Maria de Carvalho.

Antero do Quental

PONTA DELGADA, 30 de Maio—Estivemos ontem no sitio onde se suicidou Antero, com dois tiros de revólver. Nada vimos lá que *indique* o gesto derradeiro do poeta que cantou o Nirvana. O banco em que se sentou para liquidar o seu desespero, numa compostura decente, desapareceu ha muito.

No muro de um antigo convento, com vista para o largo de S. Francisco existe ainda em relevo a celebre ancora cortada ao meio pela palavra *Esperança*.

Antero, se porventura encarou neste simbolo da fé vigilante e inabalavel, deve ter sentido o travo forte da amargura sarcastica.

Quiz o destino que, na hora definitiva em que ele quebrava, por suas proprias mãos, as amarras que o prendiam ás formas pereciveis, a religião lhe lembrasse que ha um porto redentor para o sofrimento que se não revolta.

O homem dos *Sonetos*, depois de ter vivido todo o drama do pensamento moderno, estudando na sua consciencia as desilusões fatais do individualismo filosofico e religioso, regressou á sua terra natal, para repousar-se na pacificação das coisas—a terra e o mar, de mãos dadas, para o adormecerem nos sonhos da sua infancia.

Enganou-se, como sempre lhe acontecia.

As miserias da vida domestica e material—pequeninas, mesquinhas e molestas—entraram no campo das suas preocupações.

O pessimista que fizera a trajectoria das ideias, julgando o universo com o desprendimento sombrio, mas altivo, dum principe cujo orgulho cresce no exilio, derivara para a economia caseira.

Aqui a duvida, sem beleza nem grandeza, mostrou-se-lhe exigente, teimosa e, sobretudo, incapaz de vergar-se a razões altas e nobres.

Os amigos rodeavam-no solicitos, acarinhando-lhe as magoas, meio reais, meio imaginarias, para lhe criarem confiança numa proxima *ressurreição*.

O poeta deixava-se convencer, mas o seu signo funesto não o largava. Dias antes de se matar, disse a alguem:

—«Não tenho coragem para o suicidio.»

Chegou mesmo a esboçar o projecto de regressar ao continente. Torturava-o, porém, a lembrança dos incomodos da viagem.

E, no emtanto, Antero sentiu, num dado momento, que o seu mal tinha cura. Dos asperos pincaros da metafisica, desolado e, o que é peor, vencido, ele ergueu a fronte para Deus, guiado pela intuição maravilhosa do seu genio. O palacio da Ventura iluminou-se e um sorriso bom floriu na sua bôca.

Por que motivo se quedou no receio de salvar-se com a fé do seu berço? Este é um dos grandes problemas da tortura anteriana.

Nalguns dos seus *Sonetos*, Antero consegue ser tão humano e piedoso, como se ele pensasse em recitar psalmos consoladores, á cabeceira de todos os moribundos. A sua bondade dolorosa teve maneiras cristãs de amar e perdoar.

Teixeira Lopes, cuja arte é nimbada de fulgores de santidade, contou-nos, ontem á noite, um caso bem digno de menção — e que prova como Antero tinha a persuação e o dominio do sofrimento, quando não cedia á dôr tenebrosa e revolta que o agitava, como um demonio de olhos cavados e interrogadores.

O grande homem de bem que foi Rodrigues de Freitas, ao reconhecer-se doente para nunca mais se levantar, chamou a sua mulher e pediu-lhe:

—«Logo que se avisinhe a minha hora de morrer, vem para mim e recita-me, com a emoção que só tu possues, o ultimo soneto de Antero».—

Não tardou muito a agonia. A ilustre senhora ajoelhou junto do leito e com ela outras pessoas que a acompanhavam. E com voz serena—duma serenidade que abrandou a propria morte—foi dizendo:

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou afinal meu coração.
Do palacio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Ao terminar, as lagrimas irreprimidas, numa saudade para a qual as palavras são pobres e insuficientes, correram-lhe pelo rosto branco e macerado. Rodrigues de Freitas pousou nela um olhar de tanta doçura que parecia ofertar-lhe, á despedida, o maior afecto do seu coração, que se quebrava num amor que outro amor engrandecia.

Joaquim Manso

ACHAMOS que uma democracia que se presa tem o dever de cultivar, no espirito atrazado e ignorante do povo, o gosto e o amor pelos seus homens representativos — em todos os campos da actividade artistica, politica e scientifica. O que não podemos de maneira alguma concordar é com a facilidade mercantil concedida a determinadas criaturas, vendedores ambulantes de ninharias nas principais ruas da cidade, que se lembraram de vender, durante as festas da Raça, uns Camões de barro simplesmente horiveis, pintados a ripolin verde, como azas de papagaios. Não ha o direito de se consentirem estas faltas de respeito pelas figuras mais representativas de uma Raça — e Camões, de quem todos falam e poucos devidamente conhecem, simboliza toda a nossa alma — no que ela tem de mais enternecedor e ousado.

Aqui fica o protesto, para chegar ás autoridades competentes.

* * *

EL ORGÁN, importante diario da Corunhã, publicou no dia 7, em editorial, um interessantissimo artigo, firmado por Damaso Calvo, sôbre *O monge de Cistér*, a preciosa novela de Alexandre Herculano. Aquele escritor encerra o seu valioso trabalho de analise com as seguintes palavras:

«Eis aqui, em imperfeita sintese, um extracto do *Monge de Cistér* que é—provavelmente—a melhor novela historica publicada na peninsula. Nesta obra — de que se publicou ha pouco tempo a decima quarta edição — reflecte-se, brilhantemente, a epoca de D. João I, de Portugal, constituindo, simultaneamente, o modelo de um genero literario que não floresceu especialmente na nossa patria. Se nestes livros o artista deve aspirar a que a verdade, realçada por uma ardente fantasia, se imponha ao leitor como obra de poesia e de realidade, a famosa novela de Herculano tem um valor consideravel: o de ser fruto da imaginação criadora».

* * *

CONFIRMA-SE a noticia que ontem demos sobre os oficiais aviadores chegados ha dias de Africa.

Efectivamente, apresentaram-se hoje no comando da 1.ª divisão os srs. capitão Costa Gomes e tenentes Pissarra e Pais Ramos, declarando que se consideravam detidos, por solidariedade com os seus camaradas.

Sobre os reparos feitos hoje á parte referente a Brito Pais e Sarmento Beires, lembra-se que não só de Santarem podem ser expedidos telegramas para o estrangeiro. Em Espanha tambem ha serviço telegrafico internacional...

* * *

O DIRECTORIO do Partido Democratico reuniu hoje, resolvendo continuar a conceder ao governo do sr. Alvaro de Castro o apoio parlamentar que lhe tem dispensado até aqui.

Sabemos, no entanto, que nem todos os parlamentares da esquerda concordam com essa resolução, havendo um numeroso grupo que lhe é inteiramente desfavoravel.

* * *

CONSTA que alguns representantes diplomaticos acreditados em Lisboa vão reclamar, por indicação dos seus respectivos governos, contra o decreto que reduziu os juros do fundo externo, na parte que se refere aos estrangeiros residentes em Portugal e colonias portuguesas.

Tauromaquia

A corrida de ontem

Nas cronicas taurinas de Espanha cita-se frequentemente Pépe Móros, um senhor que eu não conheci mas que tinha a faculdade de frases de duas faces. Escreve-se, quando nas praças se encontram touros bravos e faltam bons toureiros: «Yá lo decia Pépe Móros, cuando no hay toreros hay toros. Mas quando o caso é inverso afirma-se do magister: Yá decia Pépe Móros, quando hay toreros no hay toros.

Esqueceu ao previdente profeta o caso da corrida de ontem em que havia touros e toureiros e a tarde não resultou tão animada, como domingo, o que devia logicamente acontecer, porque ambas as festas taurinas estavam honestamente organisadas, como o reconheceram os melhores aficionados honrando a praça que tinham votado ao abandono, e ainda os amaveis cronistas da especialidade prodigalisando a sua aprovação ao esforço dos aficionados organisadores.

Os dois touros do sr. Duque de Veragua, finos de pêlo e de tipo não se adaptaram á lide e daí o inutil da sua dificil acquisição.

Os touros dos ganaderos portugueses associados em Espanha não foram mais felizes, exceptuando o primeiro de Neto Rebelo.

Antonio Lapa enviou dois belos exemplares dando um delles relativa lide.

D. Ruy foi o correctissimo cavaleiro de sempre entusiasmando os publicos com a sua arte pessoalissima.

«Algabeño» a pé não teve os touros da primeira tarde, e a cavalo toureou bizarramente ao estilo de Andaluzia, onde é um dos muitos caballistas que praticam a maneira em que só um se celebrisou notavelmente: Antonio Cañero. David esteve enorme bregando e bandarilhando em todos os terrenos acompanhado de Bazan.

A direcção do «sportsman» Mario Duarte, de Aveiro, foi discreta e acertada. Dos nossos artistas nada diremos, porque seria inoportuno quando preparam a corrida annual do seu cofre na proxima segunda feira, com touros de varios ganaderos e cavaleiros e peões bastantes para assegurarem uma simpatica enchente.

EL TERRIBLE PEREZ

* * *

Queridos amigos: De regresso a esta, me dispensa a entrenar los caballos para que mi actuacion en esa llevara todas as garantias de exito y más que nada para que todos vosotros que tanto interés habeis demonstrado por mi, pudierais experimentar la satisfacion de ver que todo salia bien y que se conseguia todo lo esperado. Pero en este entrenamiento sufri un acidente muy lastimoso que me produzo la rotura de un musculo lombar que me tiene en cama desde hace dias imposibilitado de todo movimiento y que, segun diciamen del medico, todavia me retendrá ocho ó diez dias mas sin poder hacer nada.

Ustedes que saben el enorme interes que yo tenia puesto en mi actuacion en esas tierras y lo cuidadosamente que iba arregalando todo para que el exito fuera franco, pueden comprender facilmente el hondo disgusto que me ha proporcionado este percauce al privarme totalmente de poder pensar en dar las corridas que debia torcar en esa. Ante esto y todo lo que ustedes llevais hecho crean que lo de menos son los doleres fisicos que experimento y que apesar de estos mi voluntad fuera la de ir a esa y actuar aun a costa de sufrir luego más larga y penosa curacion, pero crean que me es totalmente imposible hacer el más ligero esfuerzo con este acidente pierdo además una corrida por la que tenia tanto interes como las de esas; la que se daba en Barcelona en honor del Rey de Italia y que se habia organisado a base de mi y ya puedes suponer mi disgusto por verme imposibilitado de poder asistir.

Crean que mi sentimiento por lo ocurrido es tan grande como el de Vds. en todos conceptos.

Os abraza el amigo af.mo.

(a) Antonio Cañero.

* * *

Selo do Estado outro selo F. 2.814,655 Don Victor Ruiz Albéniz, licenceado en medecina y cirujia, graduado en Doctor colegiado, domiciliado en esta côrte, calle de San Mateo, 8.

Certifico: Estar asistiendo desde el dia 4 del corriente mês a Don Antonio Cañero, quén padéce una rotura muscular del cuadrado de los lomos, en su insercion del raquis, con la consiguiente impotencia funcional. Dicha lesion le impide en absoluto montar a caballo y ezecutar su ezercicio de rejoneador de toros, calculandose en un plazo minimo de diez dias la possibilidade de retorno a la integridad funcional. Y, para que conste, y a peticion del interesado, expido el presente en Madrid a cinco de Junio de mil novecientos veinticuatro.

(a) Victor Ruiz Albéniz

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro

"O Amor—As mulheres,,

(Pensamentos de Camilo)

transcreve-se o prefacio de Albino Forjaz de Sampaio

Armando Noronha, pseudonimo litterario do sr. Joaquim Silverio Vieira, coordenou sob o titulo «O Amor—As Mulheres—As Mulheres e o Amor», curiosos pensamentos de Camillo Castelo Branco.

O livro, que é editado pela Portugalia, *traz o seguinte prefacio de Albino Forjaz de Sampaio:*

Mais um livro de Camillo, embora ele o não tivesse assinado. O culto dos grandes homens desentranha-se nestas rebuscas pacientes que nem sempre são felizes e que muitas vezes tem mais o cunho de uma exploração aos fieis, do que o de uma acção piedosa e admirativa, ditada apenas pelo enternecimento e pelo desejo de acarretar mais uma pedra para a estatua do Genio. Agora, porém, não ha propositos de extorção e a paciencia do Sr. Armando Noronha apenas buscou que mais amplamente o espirito do grande fundibulario de Seide fosse conhecido e apreciado. E' mais obra de culto do que geito de negocio e neste genero tem os franceses vulgarizado todos os seus grandes homens, indo á obra de cada um e focando as maravilhosas sinteses em que o seu espirito insensivelmente se compraz. E vê-se então esta coisa singular: o Genio quando escreve, pensa, ao passo que a Banalidade em muitos escritos de pensamentos não encontra ás vezes um pensamento unico.

Camillo é, como Vieira e como Bernardes, nesse ponto, inexaurivel. Ha sempre que buscar e encontra-se sempre. E' um Oceano sem fim, um profundissimo Mar onde todas as belesas se topam. E' um museu onde ha exemplares da fauna e da flora de todas as almas.

Camillo é para mim o maior escritor da minha terra. O mais profundo, o mais brilhante, o mais vigoroso, o mais extenso Podem dizer que a sua prosa não tem recamos e é uma prosa comum, corrente e facil. E' verdade. Mas é verdade tambem, que, quando um escritor recama demasiado a sua prosa, não faz mais do que mascarar a pobreza do veio nativo que a produziu. Fazem-na rica porque a não podem fazer formosa. Ser simples ainda é o grande escolho, visto que o ser complicado é facil.

Hoje as salas dos museus não são lojas de «bricabraque». E é por isso que Camillo é cada vez maior, cada vez mais discutido, cada vez mais estudado, cada vez mais amado. E o Sr. Noronha, buscando amorosamente a moral e o espirito do escritor, trouxe apenas mais uma peça do processo que a posteridade ámanhã ha-de julgar.

Bem-haja, para que se veja que não é pouco merecida a nossa viva a nossa profunda admiração.

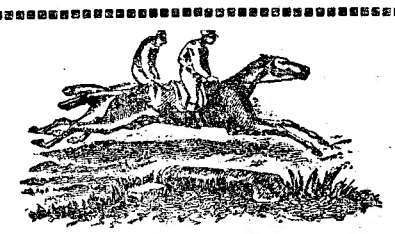
Albino Forjaz de Sampaio

Casa fundada em 1824 por RICHARD NICHOLSON

SELARIA E CORREARIA

DE

V. A. D'ABREU



85, RUA DO ALECRIM, 89

LISBOA

A Original Fabrica malas de todos os feitios e qualidades, e vende mais barato que qualquer outra casa.

A Original Tem os mais lindos modelos de peles a preços sem competencia, e um variado sortido de peles para golas e guarnições.

A ORIGINAL

E' na rua da Palma, 266-A

Perto do antigo Collsen

A. SANTOS

Ajudantes de farmacia estabelecidos

São convocados a reunir, no proximo dia 13, pelas 21 1/2 horas, na sede da Associação, (Rua Augusta, 141, 2.º), todos os ajudantes de farmacia estabelecidos, para resolverem sobre assunto muito importante.

Os delegados

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Beatriz de Lancastre, D. Ana Maria Rita de Sequeira Barreto de Menezes e Vasconcelos, D. [illegible] de Melo de Almada e Lancastre (Souto de El-Rei), Maria José Guedes Lister Pereira Fizarro Monteiro, D. Maria Henriqueta Perry Vidal Lewes, D. Maria Palmira da Cunha Rijo Nay, D. Eliza Fletcher, D. Sofia de Andrade Bastos, D. Berta Guimarães de Mendia, D. Maria Domingas Machado de Castelo Branco Berquó, D. Maria Tereza Wanzeller Guedes e D. Mariana de Carvalho Daun e Lorena.

E os srs.:

Tomaz Maria de Almeida Cayolla, Francisco José de Melo Cordovil Caldeira Didier e Antonio Amaral Cabral Campos Melo.

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a senhora D. Carmen da Silva Correia Leite Belmar da Costa, esposa do sr. Mario Belmar da Costa.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

No Campo Pequeno

Assistencia elegante á segunda corrida em que tomaram parte o brilhante cavaleiro amador sr. D. Ruy Zarco da Camara (Ribeira Grande) e o insigne espada Algabeño:

Condessas de Guarda, de Castelo Mendo, do Casal Ribeiro, de Almeida Araujo, Calhariz, da Lapa, de Carnide, de Pinhel (D. Dolores) e da Torre e filha, D. Luisa Luz de Gama e filha, D. Teresa de Mendonça Cardoso Pinto de Queiroz, D. Capitolina Rino, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Berta Ortiga Ramos, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Eugenia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Teresa de Calheiros da Silveira Viana, D. Josefina Morales de los Rios Froes, D. Sofia de Laxmann Ferreira Pinto Basto Mac Nicoll, D. Assuncion Morales de los Rios da Camara (Ribeira Grande), D. Amelia Morales de los Rios da Silva Leitão, D. Teresa de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Maria das Mercês Pessanha Marinho da Cunha, D. Albana de Sommer Osorio, D. Maria Emilia Perestrelo Soares Branco de Bourbon (Lindoso), D. Gardina Andressen Leitão.

D. Justina de Melo Lelo da Silveira Sepulveda e filha, D. Ludovina Viana Pinto Coelho, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria do Carmo de Castro Pereira do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Carlota de Almeida Centeno Gorjão Henriques, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Maria Teresa Vecchi Pinto Coelho e filha, D. Eugenia de Melo e Castro de Vilhena Palma, D. Maria Cohen de Espirito Santo Silva, D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos, D. Branca Patricio Cancela de Abreu, D. Helena de Melo e Costa da Camara.

D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Melo Lobo da Silveira Sepulveda de Figueiredo, D. Maria Adelaide Luz da Cama Sepulveda, D. Maria da Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Elisa Carneiro Bordalo Pinheiro e filha, D. Alice Carneiro Neto Rebelo, D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Virginia de Abreu Carreça, D. Josefina Pacheco Burnay, D. Georgina Franco dos Santos, D. Albertina Walden Supardo, D. Maria Cristina Rino Eça de Queiroz, D. Maria de Oliveira Reis, D. Maria da Nazaré de Almeida Centeno Infante da Camara, madame Eugenio de Araujo, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho Pereira de Melo, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Celeste Ferreira do Amaral Tavares de Carvalho, D. Carmen Morales de los Rios de Castro, D. Margarida Gambon Brandão, D. Ludovina Soares de Albergaria Dinis, D. Berta Bastos Mendes, D. Alice Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Josefina Burnay Ruggeroni, D. Palmira Diogo da Silva de Somer, D. Adelaide Batalha Mansoni de Sequeira.

D. Helena Maria Gandara Duff Burnay, D. Maria Rebelo de Andrade Magalhões Pedroso, D. Elisa Diogo da Silva, D. Madalena Soto Maior Ferreira Pinto Basto, D. Maria do Pilar Soto Maior Ferreira Pinto Basto, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Maria Cristina Rino Frois Pinto da Silva, D. Ana da Camara de Bragança (Lafões), D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Graziela Gomes, D. Maria da Conceição Tedeschi Placido de Torres Pereira, D. Alice Sieuve de Menezes Ferreira Cardoso, D. Maria Luisa Dotti Santos, D. Elvira de Campos Henriques de Almeida Rosario, D. Maria do Carmo Rezende de Miranda Barbosa, D. Julia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Arcelina Valente Moreira (Taboeira), D. Margarida da Bandeira (Porto Covo e Bandeira), D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Judite Benjamim Pinto, D. Maria Carlota Alves de Carvalho, D. Maria da Soledade de Carvalho Bruges de Oliveira, D. Maria da Nazaré Monteiro de Almeida, D. Francisca e D. Maria Luisa de Noronha (Paraty), D. Maria Emauz Leite Ribeiro, D. Berta Cambon, D. Gabriela Rebelo de Andrade, D. Maria da Paz Batalha, D. Maria Burnay de Melo Breyner (Mafra), D. Maria Luisa Gomes de Miranda, D. Maud Pinto de Morais Sarmento Cohen, etc., etc.

Em viagem

Acompanhado de sua esposa, a senhora D. Maria Natalia Couceiro Martins de Magalhães e Menezes (Felgueiras), regressou ha dias á sua casa em Pereira o sr. Luiz de Assis Teixeira de Magalhães e Menezes (Felgueiras).

—Hospedes de seus tios, encontram-se em Cintra o sr. D. Bernardo José da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), sua esposa a senhora D. Julieta Maury da Costa de Sousa de Macedo e seu gentil filhinho.

—Partiu hoje para a sua casa de Togeira, Sobral de Mont'Agraço, o nosso amigo sr. Alfredo Santos.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=Não ha espectaculo.
Nacional=Não ha espectaculo.
S. Luis=Não ha espectaculo.
Trindade=Não ha espectaculo.
Politeama=A's 21—«Guerra em tempo de paz».
Avenida=A's 21,15—«O medico á fôrça».
Apolo=A's 21,30—«O comissario de policia».
Eden=A's 21,30—«Fructo prohibido».
Gil Vicente=As 21,15—«Os dois sargentos».
Coliseu dos Recreios

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz=Calçada da Gloria.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.

O TEATRO ESTRANGEIRO

A critica teatral

e a companhia francesa

de Madeleine Lely e de André Brulé

A celebre muralha da China, concha de tartaruga, onde se aninharam, covardes e teimosos, certos civicos de farça e uma população indistinta, que nunca teve cadastro de inteligencia, de gloria ou de arte, nas folhas de teatro ou nas folhas da critica, abriu brecha, desmoronou-se, caíram por terra os botareus que a sustentavam, graças a esse admiravel creador da vida e da morte, alongando continuamente por um esforço misterioso o poder da palavra, a expressão fisionomica, a argila viva e palpitante do corpo—que se chama Brulé.

As suas oito recitas, no teatro S. Luiz, em que ele foi maior de noite para noite, crescendo de assombro, esmagando de emoção, vibrando de angustia, como se estivesse vivendo e não representando, foram a melhor replica, o mais formal desmentido áqueles que, olhando os seus interesses, no desejo de ficarem só no tablado, onde a critica os vê com a ajuda dum microscopio, tão infinitamente pequenos são,—gritavam para os artistas franceses: *indesejaveis! indesejaveis!*

Se ha indesejaveis, esses não vieram com Brulé. E não vieram, porque estão cá dentro. Indesejaveis são aqueles que entraram no teatro português, sem vocação, fazendo trampolim dos amigos; indesejaveis são aqueles que a critica combate em todas as peças, paraliticos de arte, manequins de atitudes, que representam como ha quarenta anos, fazendo comedia no drame; no drama *vaudeville;* e indesejaveis são aqueles que desconhecem as grandes correntes do teatro francês marcadas por Jean Cocteau, por Bouhelier, por Jacques Bernard, por Lenormand e tantos outros; indesejaveis ainda são os dramaturgos portugueses que traçam armas a favor do seu teatro, onde a critica vai buscar não erros de concepção ou de pensamento, mas sim de tecnica, de dialogo e de acção.

Relembremos aqui alguns trechos dum magnifico artigo de Gabriel Alfaud, director da *Comedia*, que, com aquela clareza, aquela cordenação e aquela concisão que são apanagio do espirito francês, na frase de Faguet, diz:

«Dans l'éveil de cette curiosité salutaire, c'est nous qui voulons maintenant connaître —et connaître avec précision, avec méthode, avec clarté—les fluctuations de la pensée humaine audessus des continents et au delà des mers. Sans perdre le goût des fruits de notre sol, de notre race, de notre climat, nous sommes décidés à ne plus vivre seuls et à consolider, malgré les frontières, cette alliance des esprits qui seule amène les apaisements, éclaire les rapprochements, découvre et cultive les raisons d'aimer. Nous nous préoccupons enfin de ce qui, dans le domaine littéraire et artistique universel, représente ici ou là la flamme novelle, ce qui garde encore le reflet de ce feu divin, qu'à travers les âges chaque nation colore à son gré, mais dont la matière sensible, compréhensible, traductible, fertilisante, est éternellement la même.»

Lely e Brulé

no Palacio da Pena

Quando a França, que, atravez do tempo, tem sido sempre a escola do teatro de todo o mundo, ela, cujo espirito é essencialmente dramatico, desde as raizes da historia, até ás florescencias contemporaneas da civilização, afirma, pela pena dum dos seus jornalistas mais brilhantes, a necessidade de aceitar as flutuações do pensamento humano, sejam elas quais forem e donde vierem — nós, portugueses, que vivemos artisticamente das traduções francesas, dos romancistas franceses, de todos os mercados franceses, tendo de grande, de divino e de imortal apenas a nossa poesia, pretendemos violentar o nosso espirito e mesmo as nossas modalidades eticas, recusando as admiraveis sugestões artisticas que lá de fóra nos vem!...

Mas Brulé triunfou e com ele o teatro francês.

Não conquistou o publico, mas conquistou aqueles que, em frente do genio, como em frente de uma obra arte, de religiosa beleza, são obrigados a tirar o chapeu. Se o seu reportorio satisfez as exigencias da plateia, que procurou ver o teatro do artista e não o teatro dos dramaturgos, a critica levantou lhe alguns leves reparos, e mesmo esses justificados na ancia de conhecer as modernas concepções dos autores franceses.

Desde a *Vertige*, onde ele foi a redenção sentimental e romantica duma exilada russa, até ao *Prince Jean*, em que ele ultrapassou em beleza, em emoção e em distinção a figura dando-lhe um excesso de humanidade que não tem; desde o *Epervier*, onde ele foi absoluto, onde ele foi extraordinario, onde ele foi grandiozo, arrebatando a plateia, que delirante o interrompeu nos meios dos actos, até ao *Cœur de Moineau*, onde ele foi o mais espiritual, o mais fino, o mais agudo sorriso francês—Brulé, enquadrado por uma magnifica *troupe*, que sem ser brilhante, trabalhou conscienciosamente, sofrendo como o publico a influencia da sua primeira figura, foi a labareda intensa do teatro francês, expressão maxima da gloria dum país, que, atravez dos seculos, das raças e das civilizações, tem conquistado a sua imortalidade.

Como Duse, a arte de Madeleine Lély, é repassada de simplicidade, de humanidade e de severa e grandiosa tristeza. O seu rosto feito de tocantes melancolias musicais; a sua palavra modelada no sangue da paixão; a sua atitude, onde a vida se crispa, torturada de ser carne, quando queria ser chama—são as três melodias secretas da alma duma mulher, que sofre e chora, soluça e ama, tendo nos olhos e na alma divinas estrelas iluminadas de sonho, de infinita anciedade, de aliciante e perturbante saudade.

* * *

A critica portuguesa, imparcial, sincera e desinteressada como nenhuma outra, violenta e caustica nos seus arrebatamentos; vibrante e calorosa nos seus aplausos e nos seus juizos, ofereceu a Brulé e Madeleine Lely uma interessantissima festa intima em Cintra, a que assistiram os srs. dr. Ricardo Jorge, emprezario do S. Luiz, a quem o nosso teatro muito deve; dr. Jorge de Faria, Matos Sequeira, Antonio Ferro e Alvaro Lima, brilhantissimos jornalistas, cujas criticas teatrais são verdadeiras obras de analise, de erudição e de estilo; Pedro Bordalo Pinheiro, espirito de artista, cheio de elegancia e de distinção; Lucilia Simões, a grande interprete de Sudermann, Bernestein e Ibsen; Palmira Bastos, que tem realisado quasi todo o moderno teatro francez; Almada Negreiros, estilisador perfeito de tipos e de ideias; Erico Braga, actor e auctor de admiraveis qualidades, etc.

Brulé, que foi viva e justamente festejado em Portugal, decerto que ao passar a fronteira, ao deixar Portugal, evocou as belas noites de gloria que viveu, como um dos mais decisivos triunfos de toda a sua vida.

Dr. Ricardo Jorge (filho), Lely, André Bruié, Erico Braga e José de Almada Negreiros

MELINA
O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS
VENDE-SE EM TODA A PARTE
Deposito Geral
Fernandes, Almeida & C.ª, L.da
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer) TODAS AS NOITES
Grandioso Concerto pela orquestra excentrica Jazz-Band dirigida pelo professor Milá
Profusa iluminação — O local mais aprasivel de Lisboa—Magnificos serviços de «Bar e Restaurant»
Numerosos recreios e diversões
A'manhã: Inauguração das festas aos Santos Populares — Attacções e surpresas ao ar livre
Venda de mangericos, cravos, alecrafras, etc., etc.

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. de 11: Depressão ao NE da Irlanda 742mm, com tendencia a deslocar-se. Zona de alta pressão nos Açores 772mm. O barometro sobe ao O da Islandia, sul da Peninsula e Polonia e desce no resto da Europa. Na Mancha sopram ventos do SO moderados. Pressão em Lisboa 765mm.
Tempo provavel em Lisboa no dia 12: Bom tempo, vento noroeste fresco.

A Cidade

Dr. Coutinho de Oliveira
CLINICA GERAL
RUA NOVA DO CARMO, 69
Telefone: C.-2507 Das 3 ás 5

Chá das cinco

Cabelos cortados

Ha certas modas que as senhoras copiam das mulheres, e ha outras que as mulheres copiam das senhoras. Devo esclarecer que existe uma diferença fundamental entre uma senhora e uma mulher. E, no entanto, ha senhoras que nunca foram mulheres e mulheres que valem muito mais do que uma autentica senhora.

A moda dos cabelos cortados, por exemplo, foi copiada de certas cabecinhas romanticas que, por circunstancias da vida, não tiveram tempo nem oportunidade de ser senhoras — e ficaram sempre mulheres.

E de tal modo a nova usança entrou nos habitos femininos, que é raro topar hoje aí uma senhora elegante que não tenha sacrificado o encanto das suas madeixas ás exigencias frivolas da moda.

A trança banalizou-se. E, por tal forma que, á porta de um cabeleireiro, entre a indiferença olimpica de um gato lazarento e o sorriso postiço de uma beleza profissional, encontrei, ha pouco, duas tranças de cabelo, orvalhadas ainda de lagrimas de saudade e de pó de arroz.

Cabelos cortados — perfume de beijos que se perderam, ilusões que bateram as azas para mais longe, pombas que voaram do pombal e não voltam mais — quem passa olha para eles e fica pensando que está neles um romance perdido, como são afinal todos os romances verdadeiros da vida.

Norberto Lopes

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50 — CHIADO — LISBOA

PROGRAMA DEFINITIVO

da viagem do Orfeon Academico de Coimbra a Paris

E' já no proximo dia 13 que o Orfeon Academico de Coimbra, uma das melhores massas corais de todo o mundo, parte para Paris.

O inteligente estudante de medicina Carlos de Campos Rocha, agregado á direcção do Orfeon, que muito tem trabalhado para a consecução desta viagem, deu-nos hoje o programa oficial da viagem.

E' como segue:

Dia 13 — Partida de Coimbra.
Dia 14 — Chegada a Hendaya.
Dia 15 — Chegada a Paris, ao meio dia. A's 5 horas da tarde, visita ao tumulo do soldado desconhecido, onde o Orfeon deixará uma palma de bronze.
Dia 16 — Festa na Sorbonne, pelas 3 horas da tarde.
Dia 17 — Visita a Versailles, em automovel. A' noite, recepção e baile na associação dos estudantes de Paris.
Dia 18 — Recita no Trocadero, ás 8,30 da noite.
Dia 19 — Visita a Paris. A' noite, partida para Toulouse.
Dia 20 — Representação em Toulouse.
Dia 21 — Recita em Bordeaux.
Dia 22 — Recita em Bayonne ou Biarritz.
Dia 23 — Partida para Portugal, ás 4 da tarde.

O ilustre ministro de Portugal em Paris sr. dr. Antonio da Fonseca, e o sr. dr. Afonso Costa têm sido incansaveis, auxiliando poderosamente a «tournée» artistica da Academia de Coimbra.

As sr.as D. Irene de Vasconcelos e D. Olga de Morais Sarmento, o reitor da Universidade de Paris e o presidente do Comité France-Fortugal têm posto o melhor do seu esforço e da sua boa vontade na ida dos estudantes a Paris.

Concerto Julio Cardona

Realiza-se no proximo sabado, 14, no Teatro S. Luís, um concerto promovido por este ilustre violinista, no qual será executado pela primeira vez em Portugal, o celebre concerto hungaro, para violino, de Joseph Joachim. O mesmo distinto artista fará executar algumas das suas composições das quais destacaremos uma fantasia sobre dois cantos hebraicos e a rapsodia sôbre cantos populares portugueses, para orquestra e coros. Este concerto é aguardado com vivo interesse no nosso meio artistico, onde Julio Cardona ocupa um logar de evidencia.

A "ALTA REPORTAGEM"

Camões

FALA

a um redactor do "Diario de Lisboa,,

sobre as festas

do seu quarto centenario...

Primeiros prenuncios da madrugada. Apagam-se os lampiões. Uma tremura de frio passa no ar azul. Aproximamo-nos do monumento.

—O sr. Luiz de Camões está?

Fernão Lopes de Castanhede, a quem os braços, cruzados... em sofisma, obrigam a ser malcreado, responde:

—Está, mas não recebe.

Os «reporters», porém, não foram feitos para desistir. E fômos bater a outra porta.

—Pedro Nunes, ilustre sabio, dizê-nos se o sr. Luiz de Camões nos póde receber?

E o insigne matematico, que sempre foi um grande calculista:

—Calculo que sim!

Mas o Trinca-Fortes, do alto do seu pedestal, abrindo o olho valido, exclamou:

—Quem quer que sejais, fazei o favor de subir!

Pedimos licença a Jeronimo Corte Real e, pondo-lhe um pé na gloriosa pinha, içámo-nos de um jacto até ao poeta imortal. Por sinal, que uma tremenda carolada no bronzeo poema, nos permitirá conservá-lo para sempre... na memoria!

—Quem sois?

—Um lusiada.

—E que pretendeis?

—Saber a vossa opinião sobre a festa da raça.

—Bofé! Mas ha três dias e três noites que não me deixam pregar o olho. Mas que significa tamanho aranzel?

—Que esta é a ditosa Patria nossa amada!

—Retomámos Alcacer Kibir?

—Ainda não! Mas já arrancámos a Porcalhota aos infieis.

—E El-Rei?

Danada pregunta! Se não nos agarravamos ás barbas do poeta, tinhamos rebolado até ao capilé.

—Calai-vos, eminente vate! — implorámos, com voz aflita. Não se póde falar em El-Rei!

De admirado, o aplaudido autor do «Rei Seleuco» até ia abrindo o olho cego.

—Com mil raios! — trovejou. Continuamos então em 1580?

—Mais cifra, menos cifra! Temos apenas que, com o cambio, se lhes chama agora 1924.

Uma apagada e vil tristeza ensombrou o rosto do epico que murmurou:

—Ingrata Patria, repito, não possuirás os meus ossos!

Por piedoso respeito, não lhe dissemos que os seus pobres ossos andam por aí á busca uns dos outros e nós á procura deles todos. E o vate, chegando a boca ao nosso ouvido, segredou-nos:

—Mas... E El Rei?

—O Rei agora é republicano e chama-se Americo. Americo Olavo!

—Americo!... Americo!... Tenho uma vaga ideia disso!... Foi uma descoberta, uma grande descoberta!

—Nem por isso...

—Nem por isso?... Cristovão Colombo... o mar tenebroso... as caravelas...

—Perdão, perdão, sublime cultor das musas! Isso foi a America! Este é Americo e só descobriu uma fabrica!

—Uma fabrica descoberta!? Não compreendo!

—Nem nos faz falta, que assim sereis mais ditoso!

—Então mudamos de conversa! O nosso Alvaro de Castro, porque não veiu no cortejo?

—Ciumes da vossa gloria!

—Patetinha! Se eu fosse vivo, facilmente o meteria num «canto»!

—Havemos de lhes dizer isso.

—Era favor! E o Norton?

—Com ele já são treze os de Inglaterra!

—Um novo Magriço!? E foi tambem por sua dama!?

—Foi! Mas as damas agora são todas de ouros e os Magriços estão cada vez mais gordos.

—Muito me contas! E a respeito de descobrimentos, que novas me podeis dar!

—Boas, senhor! Tornámos a descobrir a India e o Brasil!

—Por novos caminhos?

—Pelo ar!

—Oh! Patria amada!... E quem de mandou pelo céo as terras da Santa Cruz?

—Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

—Não conheço!

—Já ninguem os conhece.

—Oh! Patria!... E a India, a nossa velha India?

—Deixaram sobre ela o seu rastro glorioso Brito Pais e Sarmento de Beires, dois bravos que estão a chegar a Macau.

—Meu Portugal!... E quem os acolherá no fim da triunfal jornada?

—O carcere, talvez!

O poeta estremeceu. Olhou para nós, olhou para o quiosque do capilé e dos «grogs», supôz-nos talvez embriagados.

—Ide-vos, ide-vos, que não sei como me contenho!

—Falei-vos a verdade!

—Calae-vos então e deixai-me morrer!

—Sois imortal!

—Ainda por cima! E' o castigo...

—... da vossa gloria!

—Patria!

—Adeus, sublime vate, até ao outro centenario!

Descemos ainda pelo nosso Corte Real abaixo. O sr. Fernão Lopes de Castanheda continuava com os braços cruzados... em sofisma. Ele lá sabe...

Farmacias

Tendo ha dias um jornal da manhã alcunhado de «roubo» um caso de serviço nocturno passado numa farmacia de Lisboa que levou cinco escudos por duas hostias de antipirina, cuja importancia é de dois escudos, sendo o restante pelo trabalho extraordinario do respectivo empregado.

Temos a comunicar que a tabela aprovada para serviços nocturnos é de cinco escudos e não três como foi levado e demais o serviço nocturno é apenas para casos urgentes e com receita de medico e não para casos vulgares como aquele.

Quem foi mordido?

Ha dias apareceu nas imediações do governo civil um cão raivoso, o qual mordeu em varias pessoas, entre elas um cabo e alguns guardas.

Por este facto, o sr. dr. Clemente Gomes, director da policia administrativa, pede ás pessoas que foram mordidas para lhe participar, a fim de receberem o respectivo tratamento.

Gemeas

Recebemos hoje mais os seguintes donativos para a subscrição que o *Diario de Lisboa* abriu em favor das duas gemeas Mercedes e Maria Olinda Sequeira Lopes:

Transporte...	1.840$00
Alice Costa.....	20$00
H. e C.....	50$00
J. M. V.....	16$00
M. D.	10$00
Maria de Lourdes.....	35$00
Total...	1.971$00

Dr.ª Laurinda Alambre
MEDICA
Doenças uterinas — Partos — Electroterapia
Consultorio:
Rua Garrett (Chiado), 36, 1.º E.
Consultas ás 15 horas — Telef. C. 3680

Pelos teatros

«Guerra em tempo de paz»

E' hoje que se realisa a reabertura do teatro Politeama e se efectua a inauguração da epoca de verão com a companhia Augusto Pina, primeira representação, esta epoca, da notavel e encantadora comedia «Guerra em tempo de paz», cinco actos que, segundo pudemos

JOAQUIM COSTA

verificar no ensaio geral, realisado ontem, vão postos com a maxima propriedade, tanto de «mise-en-scène», como de scenarios, guarda-roupa e adereços, executados pelos melhores artistas da especialidade. O principal papel comico da peça vai ser interpretado pelo ilustre actor Joaquim Costa, velha reliquia do nosso teatro e societario categorisado do Teatro Nacional Almeida Garrett.

«O papá Lebonard»

Reine, por parte do publico, a maior ancicdade pela inauguração da epoca de verão no Trindade, visto ela se efectuar com a primeira representação da peça em quatro actos «O papá Lebonard», adaptação de Luiz Galhardo e Manuel Penteado, na qual o grande actor José Alves da Cunha vai desempenhar o protagonista, pela primeira vez, alcançando nesse papel, criado por Joaquim de Almeida, mais um grande triunfo a juntar a tantos outros que teem feito a sua já gloriosa carreira, na interpretação dos mais dificeis e notaveis personagens, quer do teatro português, quer do teatro francês, espanhol, italiano e brasileiro.

Atrás do reposteiro

Humberto Sousa e Oliveira e Antonio Horta e Costa entregaram á companhia do Trindade a tradução da peça «A discipula» de Jules Lemaitre.

Estreia-se no dia 12 no teatro Viriato, em Vizeu, a companhia Alberto Ghira, da qual faz parte a actriz-cantora Jalziza de Sousa e a bailarina portuguesa Aurora Martins. A companhia depois de Vizeu vai para Tondela e Coimbra, seguindo a fazer os festejos de S. João no Parque Cine da Figueira da Foz.

—E' sexta-feira que no teatro Nacional se inaugura a epoca de verão representando-se a peça os «Dois garotos».

—Parte hoje para Vizeu aonde ámanhã se estreia no teatro Avenida, daquela cidade, a companhia Lucilia Simões que efectuará ali, cinco espectaculos, sendo o primeiro com a «Magda». Na sexta-feira será inaugurada uma lapide comemorativa da passagem ali da actriz Lucilia Simões.

—Hoje, no Coliseu dos Recreios, realiza-se a ultima representação da opera «Traviata», cantando o baritono Com. Ettore Foggi a romanza «Camões». Amanhã vai á scena, em primeira representação, a opereta «Amor de apache».

—Consta que a actriz Lucinda Simões, reaparecerá logo que regresse de Paris, no teatro S. Carlos.

—Diz-se que na proxima epoca de inverno farão parte da companhia Armando de Vasconcelos as actrizes Alice Pancada e Julieta Soares e os actores Vasco Santana, Fernando Pereira e Armando Saraiva.

—A nova revista Rés-Vés, com que reabre, em breve, completamente restaurado, o teatro «Maria Vitoria, do «Avenida Parque», tem musica dos maestros Hugo Vidal e Raul Portela.

POLITEAMA HOJE
Guerra em tempo de paz

A Cidade

ESCOLA MODERNA
DE ESCRITA Á MAQUINA
R. do Arco do Bandeira, 231
LISBOA

INCIDENTE COMPLICADO

O torneio

relampago

de "foot-ball,,

e a atitude do "Sporting,,

Ontem, no Campo Grande, realisou-se a anunciada competição de «foot-ball» entre «Belenenses», «Bemfica», «Imperio», «Vitoria» e «Sporting», a favor do Comité Olimpico.

«Torneio Relampago» lhe chamaram os organisadores. O fogo de artificio da designação não seduziu muito o habitual publico do «foot-ball». Daí: a pouca concorrencia.

Tratava se duma prova a eliminar, em duas partes de dez minutos, com prolongamento em dois «half time» de cinco minutos, no caso de empate.

Os desafios que se realisaram, foram:

Sporting b. Bemfica.....	2—1
Belenenses b. Imperio.....	2—0
Sporting b. Vitoria.....	1—0
Belenenses e Sporting.....	1—1

Já porque a fórma de disputa do coriscante torneio, em «partes»—a que melhor caberia a designação de «particulas» —obrigava, com o forte vento que soprava, á pratica dum «foot-ball» pouco ortodoxo; já porque alguns dos grupos se apresentaram com «onzes»... um pouco: «fraccionarios»: os encontros tiveram poucas faiscas de bom jogo e bastante trovoada da assistencia.

A competição terminou dignamente.

Jogavam em «final», o «Belenenses» e o «Sporting». A meia hora da praxe— da praxe do dia, bem entendido...—terminou com um empate: 1 a 1.

Como se suscitassem duvidas sobre o que haveria a fazer, foi o arbitro consultar o Comité Olimpico. Este, enviou o para o camarote da Associação de Football, afirmando-lhe que só esta entidade deveria resolver. A resposta dos membros presentes da Associação foi a de que se devia dar a prova por terminada.

Assim fez o juiz. Desceu ao campo, comunicou aos capitães a resolução tomada, e deu o desafio por acabado.

O certo é que a assistencia desconhecedora do que se havia passado, invadiu o campo; os rapazes do «Belenenses» ficaram; e noutra coisa se não falava que não fosse a desistencia do «Sporting».

O publico, convencido de que realmente houvera abandono do campo, por parte dos «verde e branco», colocou-se em frente dos camarotes e reclamou em grita a taça, para o «onze» de Belem.

Foi aparentemente facil a resolução do problema. O sr. presidente do Comité Olimpico discursou ao publico:

—«A direcção do «Sporting» entende que o «Belenenses ganhou...»

E mais não disse o sr. presidente do Comité Olimpico, porque os reclamantes aplaudiram ruidosamente, não se sabe bem por quê, nem o quê.

* * *

Acontece, que nos largos meses do profiquo e intenso trabalho do «C. O. P.», dele recebemos apenas uma unica comunicação para passar á letra redonda. Como em outros jornais vemos diariamente largos comunicados do Comité, entende-se que para efeitos de publicidade, o «C. O. P.» ignora a existencia do «Diario de Lisboa».

Assim, não conhecemos o regulamento a que obedeceu o torneio de ontem—se é que esse regulamento existe.

Em todo o caso não podemos deixar de estranhar um «modus faciendi» que admite que, numa prova em que se jogam duas partes de dez minutos—e em que consequentemente os minutos são preciosos—um dos finalistas tenha que jogar mais 40 minutos do que o outro.

Mas ainda mais estranharemos que, ou porque o regulamento nunca existiu, ou porque era omisso nesse ponto, ou por que foi feito verbalmente—? ? ?—quando o problema surgiu, se tenha admitido a solução anunciada ao publico:—escapatoria habilidosa, deixando falsamente colocados ambos os contendores.

A Direcção do «Belenenses» resolveu não aceitar a solução, e pôr de novo o trofeu em disputa. E' uma resolução nobilissima, que muito a honra.

A CHEFIA DOS ESTADOS

AS CRISES

presidenciais portuguesas

a proposito da actual situação

do presidente Millerand

Apesar de tudo—de uma maneira clara, de uma maneira mesmo habilmente disfarçada, o Parlamento português, nunca colocou a personalidade do Presidente da Republica na situação em que o Parlamento francês acaba de colocar o sr. Millerand.

Uma crise politica, tão profunda, tão lata que atingisse o primeiro magistrado da Nação, atravez o Parlamento, quasi «constitucionalmente»—Portugal nunca a teve.

Teve outras crises peores, é certo. Infelizmente, muito mais irregulares, muito mais graves. Mas nada que se parecesse com o que sucede agora em França, e que em resumo de meia duzia de palavras é isto:

—Os radicais franceses, triunfantes nas ultimas eleições gerais, depois de terem obrigado Poincaré a demitir-se, colocam a Presidencia da Republica numa tão critica situação, acusando-a de ofender a Constituição, que se admite a hipotese de o sr. Millerand deixar o Elyseu.

Claro que, segundo se mostra imparcialmente o quadro de politica francesa, os parlamentares esquerdistas defendem a lei constitucional, que o sr. Millerand declarou não ter atingido ao de leve sequer, porquanto a sua politica é altamente «nacionalista», e defender a França na actual emergencia, é cobrir a Republica e as suas leis mais belas.

Tudo isto gira á roda do que se pode chamar «as prerogativas do Chefe do Estado». E é este um dos pontos mais curiosos da politica democratica em todos os paises. Em Portugal mesmo este assunto de direito pode ser contemplado com um dos mais interessantes e dos mais—flagrantes.

* * *

Dissemos que, entre nós, nunca uma situação politica colocou o Chefe do Estado, pela força do poder legislativo ou por «indicação apenas dessa força», numa posição critica como a que suporta agora o grande politico e patriota francês, sr. Millerand, chefe de governo e quando da demissão do sr. Deschanel a antigo ministro da Guerra, durante os primeiros tempos da guerra.

De facto—a resignação do sr. dr. Manuel de Arriaga foi consequencia de uma revolução politica e não de um «golpe» parlamentar (14 de maio).

A demissão do sr. dr. Bernardino Machado foi consequencia de outra revolução politica (5 de dezembro), e não resultou de qualquer incidente ou indicação do Congresso.

O sr. almirante Canto e Castro—depois da morte de Sidonio Paes—foi chefe do Estado com a concordancia do Parlamento que—apesar da sua côr esquerdista e democratica, no sentido da nossa politica, não o poz em cheque vez alguma. O seu tempo acabou regularmente.

O sr. dr. Antonio José de Almeida que foi Presidente da Republica durante os quatro anos constitucionais, tendo sofrido alguns fortes embates politicos, nunca suportou uma falta de apoio politico, manifestada pelo Congresso, ou por uma facção isolada que fosse, das forças parlamentares.

E' certo que nalgumas situações, principalmente a quando o 19 de outubro, alguns nucleos politicos, um especialmente, pareceu negar a sua ex.ª solidariedade, ou pelo menos concordancia. Mas essa divergencia não logrou sair de S. Bento, senão veladamente num ou noutro discurso de oposição mais exaltada.

O caso francês de hoje não tem paridade com qualquer da nossa politica republicana. Talvez por mal dos nossos pecados. Afinal o que acaba de se passar em França tem qualquer coisa de respeitoso para as tradições politicas democraticas deste grande país, e todas as soluções são preferiveis á de uma revolução armada, ou de um golpe de Estado—fora da lei e da constituição fundamental.

* * *

Seria curioso saber o que pensam os antigos chefes do Estado de Portugal das «prerogativas presidenciais». O sr. dr. Bernardino Machado deposto por uma revolução, sem que a volta á «normalidade» anterior á deposição o colocasse novamente em Belem—certamente terá a este respeito tão interessantes quanto fundamentadas opiniões.

O sr. dr. Antonio José de Almeida, segundo julgamos saber, teria ha tempo dito a duas pessoas da sua amisade pessoal—e que não são politicos—que logo que possa voltar á actividade politica «se vai empenhar numa campanha de revisão constitucional, campanha dura, doa a quem doer, que as circunstancias impõem e a experiencia da guerra e as lições dos factos aconselham», campanha num sentido «de dar principalmente ao presidente da Republica maiores prerogativas», campanha no sentido de «evitar mesmo que o presidente da Republica possa ser apenas uma figura decorativa e representativa colocada entre os politicos e as espadas», campanha destinada, sobretudo, a elevar o conceito de que «a verdade está hoje no equilibrio dos poderes e não na anulação de qualquer deles».

O certo é que em Portugal nunca no Estado Republicano se esteve em frente de uma crise como a que assoberba neste momento a politica francesa. Talvez exactamente, como teria dito o sr. dr. Antonio José de Almeida (afirmação pela qual não queremos quebrar lanças), talvez porque as prerogativas do chefe do Estado são tão reduzidas que o Parlamento nunca precisou de brigar por causa delas.

Já depois de escrito este artigo chegou a noticia telegrafica da resignação do sr. Millerand, presidente da Republica Francesa.

SOCIEDADE DE EQUITAÇAO, L.DA
DIRIGIDA POR JOSÉ MOTTA E SERGIO VIEIRA
Equitação em curso e particular—Ensinamento de cavalos—Recolha de carros e gado
Compra e venda de gado e carros, de conta propria e á comissão
Aluguer de cavalos para passeios
46, RUA LATINO COELHO, 46
TELEFONE N.º 1606

A SEMANA CAMONEANA

As festas

da Raça

e as montras

de alguns estabelecimentos

As Festas da Raça surpreenderam Lisboa. Não pelo espavento dos festejos, que a bem dizer se limitaram a algumas centenas de sessões solenes, onde a oratoria se desbarata em copos de agua do Luzo e em camarinhas de suor, mas pelas ideias caprichosas da Camara Municipal, sempre inedita nas suas concepções.

O Rocio, com areia vermelha nos passeios—apanhou a taluda camararia.

Além do Rocio, iluminarias baratas na Avenida, que não passaram da Praça da Alegria; no Chiado e no Largo de Camões, onde á noite houve bailaricos e musica de ferrinhos, das bandas dos amadores. Bailou-se, conversou-se, tomaram-se orchatas, nos quiosques, mas qualquer coisa que lembre o nome de Camões, que o glorifique, que dê um sentido educacional e moral ás festas—escusam de procurar, porque não chegou a saír dos cerebros dos vereadores.

Algumas bandeiras desbotadas, em mastros toscos, uns farrapitos coloridos aqui e ali; os eternos festões de verdura e arte comercial a fazer montras bonitas, á caça do premio: um relogio de plaquet ou umas jarras de bazar.

O concurso das montras, pela carencia de ideias reclamativas, pela falta de gosto artistico, de disposição, de elegancia, de harmonia e de simplicidade decorativa, lembra aquelas ingenuas e tacanhas exposições de objectos das tendas da feira de Alcantara.

Um juri rigoroso e inteligente teria dificuldades na distribuição dos premios, porque os concorrentes, em vez de fazerem *vitrine* com os artigos que vendem, pecegos ou relogios, papel para escrever ou sapatos para calçar, escolheram precisamente aqueles que nunca mercadejaram: alfinetes, pós de arroz, telas pintadas, etc.

Assim, por mais que o jornalista cogite, não é capaz de encontrar traço de ligação entre varios sapatos de verniz e um pedaço de estatua, que é apenas um braço e uma mão, que estão patentes numa montra do Chiado. Em frente, um garoto de papelão que entrou por um armazem da rua do Ouro, em trajes menores, saindo vestido, de monoculo, luvas, *badine*, e *cannotier* é um manipanço digno de pretos.

Uma casa que vende canetas de tinta permanente, lembrou-se de recortar num papelão as figuras de Afonso Costa, Chaby e de um banqueiro muito conhecido em Lisboa. O primeiro, no entender do dono, representa o povo—o tempo do verbo está errado; o segundo, vestido de cardeal, o clero, e o ultimo a nobreza. Se ha «charge»—passa-nos despercebida; se ha ironia, não compreendemos.

Uma montra bonita: um fundo admiravel de scenografia lindamente tocada de luar, onde se recorta o palacio dos Doges, e um primeiro plano onde figurinhas cheias de leveza e de graciosidade, dançam e sorriem, pizando as cinzas coloridas do ultimo carnaval.

E pouco mais ha a notar, porque a maior parte das montras são de todos os dias, gavetas onde os objectos se arruinaram, por qualidades e por preços.

—Terminaram as Festas da Raça. Seria impossivel que a Camara organisasse uma manifestação patriotica, que ficasse na historia, como uma bela jornada civica, que, impressionando o povo o fizesse comprender quem foi Camões, que representa Camões, porque se consagra Camões?

A melhor montra?

Chama-se a atenção do publico para a montra da Papelaria Camões, 42 e 43, onde está exposta uma extraordinaria coleção de lapis de todas as marcas, côres e qualidades.

No Coliseu dos Recreios

A ultima representação de "A Traviata,,

Hoje, em comemoração da Festa da Raça, vae á scena no Coliseu dos Recreios, pela ultima vez, a celebre opera do maestro Verdi *A Traviata*, cujo desempenho é maravilhoso por parte de todos os seus interpretes, que são os principaes artistas da companhia italiana.

O notavel baritono Com. Ettore Foggi cantará tambem, pela ultima vez, a linda romanza *Camões*.

Amanhã vae á scena, em primeira representação, a celebre opereta *Amor de apaches*.

Teatro APOLO

Empresa Ruas, Ltd. Tel. N. 4129
Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho
HOJE — ás 21,30 (9 1/2 da ncite)
A comedia em 4 actos
O Comissario de Policia
de Gervasio Lobato
NOITE DE GARGALHADA—Preços populares

Aos forasteiros e ao publico de Lisboa
Ninguem deve deixar de ir ao
Eden Teatro Telef. N. 3,800
vêr a famosa revista
FRUTO PROIBIDO
O maior de todos os exitos, e o mais gracioso e deslumbrante espectaculo da actualidade
Enorme exito da Companhia
OTELO DE CARVALHO

TEATRO AVENIDA

Tel. N. 4356 HOJE, ás 21,30
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
O Medico á força
A'manhã, 12
CAMA, MESA E ROUPA LAVADA
O sucesso de sempre!

Politeama Empresa Luís Pereira Telefone 3028-N
Companhia AUGUSTO PINA
HOJE, ás 21,30 Recita de inauguração
A comedia em 5 actos
Guerra em tempo de paz
Scenarios luxuosos—Elegantissimas «toilettes»—Esplendido guarda-roupa — O teatro de verão mais confortavel e mais barato de Lisboa

As comedias sportivas são do mais profundo agrado entre o nosso publico.

Assim o tem provado a enorme concorrencia que tem acorrido ao elegantissimo Cinema Condes para admirar o inexcedivel *Gibson*, o actor «cow-boy» no seu segundo «film» de 5 partes em o titulo *Desnorteado* e em que o favorito dos «sportmen», faz verdadeiros prodigios de temeridade e de virtuosismo desportivo. No excelente programa exibe-se uma valiosa estreia: *Pafuncio*, o grande Monuty Banks, favorito do publico na comedia em 2 partes *Heroi a zero*. A 3.ª jornada do empolgante e maravilhoso *Tumulo Indio* orna o programa que é completado com o *Jornal do Condes 218*.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

CARBORETO NACIONAL

INDUSTRIA NOVA EM PORTUGAL

SUPERIOR AO ESTRANGEIRO

FABRICADO
PELA

COMPANHIA PORTUGUEZA DE FORNOS ELECTRICOS

NA FABRICA EM CANNAS DE SENHORIM (BEIRA ALTA)

DIRIGIR PEDIDOS AO ESCRITORIO EM LISBOA

LARGO DO DIRECTORIO, 4-2.º

TELEFONE: 5245-CENTRAL TELEGRAMAS: «ELECTROFORNOS»

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

Ratgondins, rapozas, skungs,

opussom, petit gris, etc.
Sempre grande e variado sortido em peles estrangeiras e nacionaes.
Curte, tinge e confecciona; rapidez e perfeição.
Preços para reclame.

Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, L.da

Telefone N. 5111

49, Rua das Pretas, 2.º

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa.

Saidas a 1 de cada mez para todos os portos da Africa Oriental (Provincia de Moçambique) escalando Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes e Cap Town.

Saidas a 15 de cada mez para todos os portos da Africa Ocidental. Serviço regular para Anvers, Hamburgo e Rotterdam, onde os nossos navios recebem carga para Lisboa e Porto e a frete directo para os portos das duas costas de Africa.

A carga de Importação e Exportação em navios portugueses gosam dum beneficio pautal.

FROTA DA COMPANHIA

ANGOLA, 7714 ton.; MOÇAMBIQUE, 6536 ton.; AFRICA, 5515 ton.; PEDRO GOMES, 5417 ton.; BEIRA, 4376 ton.; PORTUGAL, 3998 ton.; PENINSULAR, 2744 ton.; LUABO, 1435, ton.; CHINDE, 1070 ton.; MANICA, 1116 ton.; IBO, 835 ton.; BOLAMA, 935 ton.; AMBRIZ, 853 ton.
Vapor só para carga: DONDO, 3978 ton.—Rebocadores no Tejo: TEJO, CABINDA e CONGO.

Navios fretados aos transportes Maritimos do Estado e ao serviço da Companhia.

LOURENÇO MARQUES, 6355 ton.; EXTREMADURA, 3771 ton.; S. TIAGO, 3763 ton.; CONGO, 3977 ton.; PENICHE, 3566 ton.; COIMBRA, 2516 ton.; GAIA, 1758 ton.

Escritorios da Companhia: Lisboa, Rua do Comercio, 85 — Porto, Rua da Nova Alfandega, 34.

Agentes: Anvers, Eiffe & Cie., Quai van Dyck, 10—Hamburgo, E. Th. Lind, Alsterdamm 39 Europahaus. Rotterdam, H. van Krieken, P O B 662.

AOS ARMADORES, AFRICANISTAS E SPORTSMEN

EMBARCAÇOES PARA AS COLONIAS — Squifes Outriggers, Guigas, Esquifes, Canots, Baleeiras para praia e Salvação, Botes para navios, Lanchas a motor, Batelões, etc. — BARCOS PARA RECREIO

CONSTRUÇÕES PELO SISTEMA PORTUGUES E AMERICANO
CALAFETOS E TODOS OS TRABALHOS DE CONSTRUÇAO NAVAL

Telef. Cent. 1601-3474 — **A ACTIVA** SECÇÃO DE CARPINTARIA NAVAL RUA 24 DE JULHO, 8 — Ender. teleg. ACTIVA

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

GARAGE E OFICINAS

INVICTA, L.DA

R. do Arco da Graça, 31-A
LISBOA
Oficinas de reparação de automoveis
RECOLHA MENSAL 50$000
Telefone N. 395

Chapeus para senhora, creança, ultimos modelos, no

Salão Aguia

Rua do Carmo, 90, 2.º

RADIOLINA

O MELHOR PRODUCTO PARA LIMPAR METAES, ENCERADOS, OLEADOS, ETC., ETC.
A' venda nas boas drogarias e no deposito,
Rua do Comercio, 42, 1.º

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Dr. Avelino de Faria
Notario
Rua Nova do Almada, 64-1.º
(esquina da Rua de S. Nicolau)
TELEFONE C. 5367

ESTRANGEIRO

MOBILIAS
COMPRAI SÓ NA
Travessa de S. Mamede, 60, 60-A
(á Politecnica)

A POLITICA FRANCESA

Alexandre Millerand

renuncia ao cargo de presidente da Republica

por ter sido votada uma moção de desconfiança ao novo governo

PARIS, 11

Na sua mensagem ás camaras, o sr. Millerand recorda que foi por 695 votos que aceitou a sua eleição, a fim de defender no Eliseu a politica do progresso social, de ordem, trabalho e união, e frisa que cumpriu fielmente o seu compromisso solene feito perante o país e constata que a França, sequiosa de paz, labor e concordia, quere uma politica externa que lhe assegure o acordo com os aliados, a sua segurança, as reparações a que tem direito, a aplicação do tratado de Versailles e o respeito de todos os actos diplomaticos que instituiram a nova ordem na Europa.

Semelhante politica externa pede uma politica interna que se baseie nos ensinamentos da guerra, numa «entente» entre todos os franceses, cada vez mais no respeito das opiniões e nas crenças de cada um, na equidade e na bondade nas relações sociais, na vontade de salvaguardar o credito da França pela manutenção de um rigoroso equilibrio nas receitas e nas despesas publicas.—(H.)

As razões

porque Millerand não resignou ainda...

PARIS, 11

Estas ideias, que dirigiram sempre a minha acção, continuarão a guiá-la. Dispondo a Constituição que o presidente só é responsavel perante as Camaras pelo crime de alta traição, quiz, no interesse da nação, na estabilidade e continuidade que os poderes presidenciais fossem de 7 anos, mantidos ao abrigo das fluctuações politicas. Vós respeitareis a Constituição. Se a desconhecêsseis, se no futuro se entendesse que a arbitrariedade de uma maioria pudesse obrigar o presidente a retirar-se por motivos politicos, o Presidente da Republica não seria mais do que um joguete nas mãos dos partidos. Auxiliar-me-heis a afastar um perigo tão temivel. Recusei-me até aqui a desertar do meu posto, pois não é do Parlamento, encarregado de votar as leis e de velar pelo respeito que pode vir o sinal e o exemplo da sua violação.

Chegou a hora

de assumirem responsabilidades...

PARIS, 11

A camara recusar-se-ha a seguir os perigosos conselheiros que se esforçam, no interesse de partido, por obter uma nova legislatura, que comece por um acto revolucionario. O senador, fiel ás suas tradições, há de querer permanecer, como sempre foi, o defensor da Constituição. Por isso a importante questão constitucional não pode ser liquidada na sombra pelas decisões individuais ou de grupos. Apelo com confiança para a sabedoria das Camaras, para a sua prudencia e amor pela França e pela Republica. Consciente do meu dever, assumi as minhas responsabilidades; chegou a hora do Parlamento assumir as suas.

A declaração ministerial apresentada hoje ao Parlamento é concebido nos seguintes termos:

«O governo actual constituiu se tão somente com o fim de permitir ás camaras que se pronunciem num debate de ordem constitucional aberto fóra do Parlamento, mas de que só o Parlamento é unico juiz.

Não temos, pois, que apresentar programa de governo. Direis ou que as leis constitucionais devem continuar intangiveis e acima dos partidos e neste caso a autoridade do vosso voto indicará aos chefes da maioria saida das eleições no dia 11 de Maio, que eles têm o dever de aceitar das mãos do presidente da Republica o poder que ele lhes oferece e de assumir a responsabilidade dos destinos da França, ou então pelo voto que cada um tomará claramente a responsabilidade.

O novo governo

coloca á Camara a questão da confiança

Declareis que não aprovais os principios formulados pela mensagem do presidente da Republica, principios que defendemos perante vós e que são a base da Constituição.

Neste caso daremos conta do malogro da nossa missão ao chefe do Estado, o qual tomará então a decisão que daí resultar. Apelamos para a vossa consciencia e razão. O debate deve prosseguir fora de todo e qualquer equivoco, pois o voto interessa ao futuro do regimen e o respeito da legalidade é a garantia das nossas instituições republicanas e a salvaguarda das liberdades publicas.

François Marsal

aceita abertamente a discussão das interpelações

Depois da leitura dos documentos oficiais, François Marsal aceitou a discussão das interpelações.

O presidente leu então a moção do adiamento, assinada pelos presidentes dos grupos das esquerdas, exprimindo a resolução dos mesmos grupos de não entrarem em relações com o ministerio, que é a negação dos direitos do Parlamento. Reibel censurou ao sr. Herriot o ter provocado a crise politica para obter a demissão do sr. Millerand, cujos direitos e poderes defendeu com eloquencia.

Estamos caminhando

para uma ditadura, para uma assembleia unica...

Fazendo uso da palavra Marsal disse que tanto as esquerdas como os seus colegas têm que explicar o que consideram como um dever a missão que o chefe de Estado lhes confiou. Manifestou a sua surpresa por ver que a maioria apresentou a moção de adiamento, pois os signatarios sabem que os membros do anterior gabinete estavam prontos a cederem as pastas aos eleitos da esquerda e que já hoje se não trata da questão de governo. Mostrou o perigo que haveria em se entrar na via para que a Camara é convidada a entrar; isso seria caminhar para uma assembleia unica, para a ditadura.—(H.)

COM FACILIDADE
TODOS PODEM VESTIR BEM E BARATO
COMPRANDO DIRECTAMENTE AO FABRICANTE
DE LANIFICIOS JAYME PINTASILGO — COVILHÃ
Peçam amostras
Até 31 de julho distribuição de brindes a todos os clientes

PARIS, 11

Marsal diz que a campanha anti-constitucional contra o sr. Millerand é de origem comunista, e é uma vingança contra o sr. Millerand que presidiu ao conselho de ministros em 1919, sendo a sua iniciativa devida aos jornalistas que querem dar satisfação a um governo estrangeiro. Violentamente interrompido pelas esquerdas, principalmente pelos comunistas, o sr. Marsal concluiu por dizer que ou o presidente do conselho é tirado dos membros da esquerda, que receberá constitucionalmente a missão de formar gabinete das mãos do presidente eleito por 7 anos, ou então alcançar-se-ha o mesmo resultado pratico, mas pela violação certa da Constituição. — (H.)

329 contra 214

foi a votação da moção de desconfiança

PARIS, 11

O Presidente da Republica francesa, sr. Millerand, apresentou a demissão do seu alto cargo em virtude da moção de desconfiança dada por ambas as Camaras ao gabinete Marsal.

Na Camara dos Deputados, depois do debate em que Millerand foi defendido pelo Presidente do Conselho e pelo ex-ministro Reibel, e atacado pelo comunista Cachin, aprovou-se por 329 votos contra 214 a moção apresentada pelo sr. Herriot, em nome das esquerdas negando-se a entabolar relações com o governo Marsal por o considerar fora da vontade do país.

O gabinete Marsal continuará no poder até se realisar a eleição do novo Presidente da Republica que se efectuará, provavelmente na proxima sexta-feira. — (L.)

Foi adiada

a comunicação do govêrno

PARIS, 11

Depois da aprovação do sr. Herriot, a qual, como dissemos, foi por 329 votos contra 214, a Camara aprovou a afixação da moção do sr. Herriot. Em seguida foi levantada a sessão e adiada para ámanhã de tarde para a comunicação do governo, com os aplausos da esquerda. Foi adiada por 153 votos contra 144 a discussão da interpelação do sr. Chéron sobre a politica do governo, interpelação que tinha por fim obrigar o Senado a tomar partido sobre a questão que está na ordem do dia.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES
CAPITAL 2.000.000$00
CALÇADA DO SACRAMENTO, 14, 1.º—LISBOA **TELEFONE C. 498**
Encarrega-se da administração de propriedades rusticas e urbanas, fiscalisação e administração de obras de reconstrução, reparação e conservação, cobrança de rendimentos, administração de propriedades no Brasil, serviços em quaesquer repartições publicas ou tribunaes, etc.

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Londres, cheque	151$50	152$
£/Paris	1$79	1$82
£/Madrid	4$74	4$76
£/New-York	35$15	35$30

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Italia	1$52	1$53
£/Suiça	6$18	6$22
£/Brasil	3$75	3$80
Libra esterlina	167$00	171$00

JA' NÃO E' SEM TEMPO!

O CONFLITO dos correios deve ficar resolvido esta semana

O conflito telegrafo-postal que tantos milhares de contos de prejuizos está causando, continua sem solução. E, segundo parece, assim continuará por largos dias, visto que quem tem o dever de defender os interesses do povo e do Estado está completamente indiferente a esses prejuizos.

* * *

O pessoal maior e parte do pessoal menor que o acompanha têm reunido todos os dias na sua Associação de Classe. E foi ali que tivemos ocasião de ouvir hoje um delegado da Comissão de Resistencia:

—Então, sempre será desta?

—Com franqueza, não sei ao certo o que lhe hei-de responder. Mas julgo que a solução está por pouco, e, se não tem sido as variadas complicações politicas, o governo já teria chamado o sr. Administrador Geral, para lhe entregar a solução do confiito.

Falamos sobre as reclamações:

—São tudo quanto ha de mais logico: Queremos que os serviços voltem á sua primitiva situação, isto é, que passem para a A. G. e continuem, como até ali, a ser dirigidos pelo sr. Antonio Maria da Silva.

—Não foi esta a solução Pina de Morais, aprovada pelo Parlamento?

—Foi, estando aquele ilustre deputado admirado de ainda este lamentavel conflito não estar solucionado. Tambem nós não sabemos a que atribuir esta demora. Não quererá o governo que os serviços voltem para a A. G.? Não será o sr. Antonio Maria da Silva, já duas vezes presidente do ministerio, e que grandes serviços tem prestado á causa da ordem, garantia mais que suficiente para que os serviços debaixo das suas ordens, voltem novamente á normalidade? Tudo isto são misterios que não compreendo.

—Mas a D. G. T. diz que os serviços estão normalizados.

—A D. G. T. que indevidamente está dirigindo os nossos serviços, falhou a sua missão. Não foi criada para solucionar casos como o nosso, mas sim greves de transportes, e, portanto, não pode desempenhar-se da sua missão, motivo porque tenta, por todos os meios, mostrar os seus serviços. Então, a D. G. T. não está a dirigir os Serviços Telegraficos, havendo uma Direcção dos Serviços Telegraficos do Exercito?! Sôbre a normalização, não vale a pena falar nisso. O publico — o grande juiz — que responda. Só para amostra: ha mais de 14.000 telegramas para taxar e fôram montadas agencias particulares para fazer os serviços postais. Como vê, a confiança na normalização é grande!

—Que tencionam fazer?

—Aguardar que justiça nos seja feita. O que é extraordinario é que nós estejamos defendendo os principios da ordem e da disciplina, e o governo que tinha esse dever, mais que ninguem, não nos queira dar razão. Mas, agora, julgo que tudo acabará a bem. E outra coisa não é de esperar, sendo certo que nós temos estado sempre dentro da ordem.

—Então, esta semana já temos Correios e Telegrafos?

—Assim o espero. E já não é sem tempo. Este conflito estaria solucionado desde o primeiro dia se não houvesse, da parte de alguem, uma grande má vontade contra nós. A seu tempo, o país saberá a quem pertencem as responsabilidades.

DE LUTO

Coronel Vasconcelos Dias

Faleceu hoje o director da Manutenção Militar, tenente-coronel sr. Vasconcelos Dias.

Perfumaria «Flôr de Liz»
Preços sem abuso—Manucure—Execução perfeita
Rua Nova do Almada 83

O ULTIMO DECRETO

"A REDUÇÃO DOS JUROS DA DIVIDA PUBLICA SÓ E' LEGAL SE FOR DETERMINADA POR LEI„ diz ao "Diario de Lisboa„ o deputado Ferreira da Rocha

O distinto parlamentar sr. Ferreira da Rocha foi quem levantou, na Camara, o caso complicado e serio do ultimo decreto governamental, de redução dos juros do emprestimo.

Tentamos entrevista-lo hoje, tanto mais quanto é certo ser este assunto de grande importancia, e terem-se afirmado já bastantes coisas sobre ele, depois do seu notavel discurso parlamentar. O sr. Ferreira da Rocha, porém, não gosta de ser entrevistado. Todavia, permitiu-nos que escrevessemos as preguntas que quizessemos, ás quais respondia por escrito.

* * *

Assim fazendo, preguntámos primeiramente o seguinte:

— O ultimo decreto vem, de algum modo, abalar o credito do Estado — como tanto se afirma?

— Decerto. O credito publico mantem-se principalmente pela satisfação dos compromissos existentes. O decreto determina a redução de juros e amortização, e embora exclua dessa redução os estrangeiros não residentes em Portugal, nem, por esse motivo, o precedente deixará de levar a desconfiança mesmo áqueles que são agora poupados.

—E' ou não é inconstitucional o decreto?

—Inutil, creio, discutir a constitucionalidade. A discuti-la, ha de evidentemente reconhecer-se que ao Congresso compete regular a forma de pagamento dos juros da divida publica, que essa função não pode ser delegada no governo e que as proprias autorizações ao governo não podem, sobre a mesma materia, ser usadas mais de uma vez. Determinações expressas na Constituição.

—Terá que ser revogado?

—Deve sê-lo, porque a redução de juros da divida publica só é ilegal se fôr determinada por lei, só é legitima quando acompanhada de todos os meios derivados do recurso a novos impostos e reduções de despesas que forem possiveis para o equilibrio orçamental, e só é justa quando não determine odiosas distinções baseadas na nacionalidade dos portadores de titulos.

— O caminho a seguir em materia financeira?

— Não me compete indicar esse caminho, nem tenho autoridade para lhe expôr o plano financeiro do meu partido na presente conjuntura. A esse respeito melhor procederá dirigindo-se aos antigos ministros das Finanças do P. R. N. Não esqueça, contudo, de qual é, dentro dum regimen parlamentar, em materia de iniciativa e critica, a função das maiorias governamentais e das oposicionistas.

— Fala-se numa reunião dos possuidores de titulos, afim ser resolvido *processar* o governo. Será viavel?

—Não creio que se fosse processar o Estado pela redução de penas determinada em lei. Nenhum tribunal pode compelir o Estado a esse pagamento quando ele o declare ilegal. Os portadores estrangeiros poderiam talvez conseguir pelos seus governos o recurso á arbitragem, ou mesmo a intervenção, que certamente saberia encontrar as reformas financeiras necessarias para que, num país onde nem sequer se cobra o imposto pessoal de rendimento, se procurem os recursos bastantes para o pagamento das dividas do Estado.

Os nacionais—e por isso é que eles são as escolhidos vitimas—nenhum outro meio têm para evitar o castigo da falta que lhes assacam, senão a de ter preferido fundos portugueses a fundos estrangeiros, nenhum outro meio têm que não seja o de apelar para aquele sentimento de moralidade e de justiça, que existe em todos os homens, e contra o qual jamais um acto dos governantes pode subsistir, seja qual a força em que se apoie.

A VESPERAS DO TRIUNFO

UM APELO DOS AVIADORES PRESOS A FAVOR DA VIAGEM LISBOA-MACAU

Os aviadores presos em S. Julião da Barra pedem-nos a publicação do seguinte apêlo:

«Portugueses!

Os oficiais aviadores, não podendo, neste momento, ocupar-se intensivamente da propaganda da gloriosa viagem Lisboa-Macau, pedem ao nobre povo português a continuação do seu valioso auxilio, afim de que ela seja levada a bom termo, para maior honra e gloria da Patria!

Pelos oficiais aviadores

Cifka Duarte».

* * *

O «Portugal» deve já ter percorrido, á hora a que escrevemos, os 1:350 quilometros que separam Bangkok de Hanoi, cobrindo assim a penultima «étape» da heroica viagem Lisboa-Macau.

De Rangoon a Bangkok, percorreram os nossos bravos aviadores 1:250 quilometros.

A'manhã ou depois devem chegar, pois, a Macau os ilustres oficiais que tão heroicamente têm arriscado a vida pelo bom nome e pela gloria de Portugal.

O mecanico Manuel Antonio de Gouveia já chegou a Hanoi.

O «Portugal» vai muito carregado, com peças sobrecelentes, etc.

No Aero-Club continuam os srs. comandante Afonso de Cerqueira, José Julio de Brito Paes Falcão e tenente Paixão a receber donativos e saudações. Hoje foram ali entregues mais 6 contos.

* * *

Estão sendo organisadas muitas festas, entre as quais uma bela corrida de amadores, tendo o distinto emprezario sr. José Segurado cedido gratuitamente a praça do Campo Pequeno.

A comissão organisadora é composta pelos srs. major Cifka Duarte, comandante Afonso de Cerqueira, José Julio de Brito Paes Falcão, major Carvalho, capitão Menezes Ferreira, tenente Paixão, Antonio de Abreu, Emidio de Aguiar e Arnaldo Tavares.

A viagem de Pelletier d'Oisy

TOKIO, 11—Pelletier d'Oisy chegou a esta cidade. As ruas estavam embandeiradas com as côres japonesa e francesa. — (R.)

Os japoneses tambem pretendem dar a volta ao mundo em avião

HONG-KONG, 11 — Chegaram aqui os aviadores japoneses que pretendem fazer a viagem de circumnavegação aerea. — (R.)

A TARDE PARLAMENTAR

CUNHA LEAL atacou hoje vivamente o emprestimo a Angola

Antes de se entrar na ordem do dia, o sr. Velhinho Correia declara que contribuiu para a falta de numero, na ultima sessão, por ter conhecimento de que se estavam passando graves acontecimentos nas ruas de Lisboa.

Felizmente, a trovoada passou e o sr. Velhinho Correia devia á Camara este esclarecimento.

* * *

A's 15 e 45, o sr. Cunha Leal pede a palavra para tratar daquilo a que chama «o ultimo episodio das fitas cinematograficas do ex-alto comissario de Angola, sr. Norton de Matos».

O «leader» nacionalista examina as condições em que o sr. Norton de Matos promete realisar um emprestimo de 1 milhão de libras para a provincia de Angola, concluindo que essa operação é ruinosa e não deve ser autorisada pelo Parlamento.

Depois de defender brilhantemente o seu ponto de vista, o sr. Cunha Leal afirma:

—O sr. Norton de Matos deixou uma obra tão criminosa em Angola, que dificilmente uma pessoa com dez reis de miolos terá coragem de enfrentar as dificuldades que surgirem no seu caminho, em tudo quanto diga respeito á provincia.

Termina, preguntando ao sr. ministro das Colonias se a Metropole dará a garantia subsidiaria para a realisação de um emprestimo que o sr. Norton de Matos pretende negociar.

* * *

O sr. Mariano Martins, respondendo ao orador, declara que essa operação terá que ser submetida á apreciação do governo.

Lê á Camara um telegrama por ele expedido ao governador de Angola, em que lhe determina que não apresente o acordo do emprestimo ao Conselho Legislativo, sem ter recebido instruções dele, ministro, visto que deseja submetê-lo previamente á apreciação do seu colega das Finanças.

O sr. Afonso de Melo, que preside, comunica que está na mesa um oficio do juiz de investigação criminal, pedindo autorisação para serem interrogados em materia crime alguns parlamentares que foram dados como testemunhas no processo de investigação referente ao deputado Velhinho Correia.

O sr. Pedro Pita insurge-se contra a inclusão do seu nome nesse rol de testemunhas, dizendo que não sabe nada, que não diz nada e que não deixará de vir ámanhã á sessão para ir depôr.

A Camara autorisa a ida dos parlamentares ao governo civil. O sr. Cunha Leal declara que não irá lá—nem com autorisação, nem sem autorisação.

O sr. Pedro Pita:

— Ah! fiquem descansados... Hão de ir lá todas, de sucia, porque eu vou dar o nome de todos...

E a sessão prossegue, pelo menos enquanto os deputados não reunirem no governo civil...

* * *

Entrando-se na ordem do dia, o sr. Morais de Carvalho começa por atacar vivamente o decreto n.º 9761, que reduziu os juros da divida externa, para os portadores nacionais.

O deputado monarquico pronuncia um longo discurso, de que a maioria da Camara — se não a quasi totalidade se desinteressa por completo, apesar da gravidade do astunto.

* * *

A's 15 e 30, o sr. Barros Queiroz, intervindo no debate, pregunta ao sr. ministro das Finanças qual o valor dos titulos da divida externa que se encontram na posse do Estado.

O sr. Alvaro de Castro declara que ainda não está habilitado a responder ás perguntas do orador, só o podendo fazer ámanhã, depois de se informar junto das entidades competentes.